

A CARTA ROUBADA E A QUESTÃO DA INSISTÊNCIA SIGNIFICANTE: A VERDADE EM HEIDEGGER E EM LACAN¹

THE PURLOINED LETTER AND THE QUESTION OF THE SIGNIFIER'S INSISTENCE:
THE TRUTH IN HEIDEGGER AND IN LACAN

*Fabiola Menezes de Araújo*²

RESUMO:

No presente artigo, examinamos a questão da insistência da cadeia significante tendo por referência o *Seminário sobre A carta roubada*, no qual Lacan aborda essa insistência como fruto de uma alternância entre o 'discurso do Outro', o 'anúncio da possibilidade de morte simbólica', e a incidência da castração. Na proposta de evidenciar o caráter matemático do inconsciente, o psicanalista francês trata ainda de acentuar a verdade como necessária à assunção do modo como o inconsciente se manifesta. Mesmo a mentira, por manter relação com a verdade, seria cara à leitura dessa manifestação.

Palavras-chave: Insistência da cadeia significante; Castração; Ordem simbólica.

ABSTRACT:

In this paper we examine the question of the insistence of the signifying chain taking as reference the Seminar on The Purloined Letter, in which Lacan discusses this insistence as the result of an alternation between the 'discourse of the Other', the 'announcement of the possibility of symbolic death', and the incidence of castration. In the proposed of showing the mathematical character of the unconscious, the french psychoanalyst also comes to accentuate the truth as necessary for the assumption of how the unconscious manifests. Even the lie, by maintaining a relationship with the truth, is valuable to the reading of this manifestation.

Keywords: Insistence of the signifier chain; Castration; Symbolic order.

A verdade como um roubo

Em *Ser e tempo*, a verdade é tida como devendo “ser sempre arrancada primeiramente dos entes (quando) o ente é retirado do velamento, (e) a descoberta em seu fato é, ao mesmo tempo, um roubo” (HEIDEGGER, 1927/1986, p. 291). Por que um ‘roubo’? – é preciso perguntar. Roubo do véu que habitualmente encobre o ente para aquilo que mais

¹ Artigo recebido em 17/09/2012 e aprovado para publicação em 20/10/2012.

² Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Possui graduação e mestrado em Filosofia pela UERJ.

particularmente lhe pertence, a saber, “o ‘ser verdadeiro’ do logos” (Idem, p. 63). No âmbito das configurações legadas por uma ‘metafísica decadente’ é impossível ao ser-aí realizar-se enquanto um próprio. Em outras palavras, o desvelamento, que traz um algo a ser desvelado (*alethes*) (idem), se realiza como um ‘roubo’ porque de outro modo tendemos a permanecer nos limites de uma metafísica decadente. Coloquemos, por sua vez, a questão acerca de que se se trata, no âmbito da teoria lacaniana, do mesmo véu destacado acima como devendo ser ‘roubado’.

Talvez por mera coincidência, na leitura levada a cabo no *Seminário sobre a Carta roubada* (LACAN, 1966, p. 11) Lacan também enfatiza a questão do roubo em sua correlação com a verdade:

Do mesmo modo de quando nos dispomos a entender a maneira pela qual Martin Heidegger nos descobre na palavra *alethes* o jogo da verdade, não fazemos senão reencontrar um segredo em que esta última sempre iniciou seus amantes, e em que eles sustentam que é por esconder-se, que ela se oferece a eles de modo *mais verdadeiro*. (LACAN, 1992, p. 28).

Enquanto a verdade no sentido esboçado em *Ser e tempo* assinala, a um só tempo, o movimento da totalidade de mostrar-se e retrair-se e assinala o poder-ser como um deixar-se ser tomado pelo *logos* enquanto *aletheuein* (HEIDEGGER, 1921, 1986, p. 68), na leitura de Lacan a verdade é trazida como tendo iniciado “seus amantes” em “um segredo”, a saber: que é por esconder-se que ela, a verdade, se oferece do modo *mais verdadeiro*³. A situação analítica, nesse sentido, parte de um segredo passível de ser reencontrado, quando, então, o “esconder-se” da verdade nos traz o modo mais verdadeiro pelo qual esta pode se oferecer a “seus amantes”.

No conto de Poe a partir do qual Lacan realiza a leitura de como a cadeia significante insiste, temos um roubo e dois segredos: uma carta comprometedora é roubada da Rainha. Já os dois segredos são os seguintes: o lugar em que é escondida a carta roubada, que é também o enigma em torno do qual gira a história, e o conteúdo da carta, que é em torno do qual os destinos da rainha e de seu ministro, o ladrão da carta, giram. Como um enigma passível de ser descoberto, o conteúdo dessa carta se manterá velado; é a mera possibilidade de que ele venha a público que instala nas personagens a mania de perseguição: todos serão suspeitos. A

3. É oportuno situar como Heidegger e Lacan concebem diferentemente as noções de ‘desvelamento’ e de ‘velamento’. Para o filósofo alemão, desvelamento e velamento se realizam como um mesmo movimento. Sob essa ótica, na comum-pertencência entre o vir a ser e o ocultar-se se realiza, na verdade, um só e mesmo movimento. Já para Lacan, velamento e desvelamento surgem em alternância. Um não se dá sem o outro, mas ambos não são compreendidos como simultâneos.

verdade, a revelação dos dois segredos, passa então a ser perseguida. É, sobretudo, em função do conteúdo da carta representar a morte simbólica dessas personagens que essa perseguição tem lugar. Ao passo que a ‘verdade’, de que a carta é prova, insiste em se ocultar,⁴ a perseguição na trama permite o desvelamento ‘da verdadeira’ face das personagens: a rainha tem na face um “embaraço” comprometedor (LACAN, 1992, p. 19); e nos “olhos de lince” do ministro vemos a astúcia de um ladrão. A rainha será desonrada no caso de o segredo da carta vir a público, ou então será o ministro quem será anunciado como ladrão – eis como surge a morte simbólica, que compreende também o rei, na hipótese de a rainha vir a ser desonrada.

A revelação dos dois segredos – o lugar em que a carta está escondida e o conteúdo da mesma – deverá fazer com que a verdade se mostre de modo ainda “mais verdadeiro” do que aquele esboçado na face das personagens: a rainha será destituída ou o ministro será demitido. Em ambos os casos, tendo em vista que o modo ‘mais verdadeiro’ gira em torno do advento da morte simbólica, podemos passar à investigação do terceiro segredo sobre o qual Lacan nos convida a pensar: a “insistência da cadeia significante”. Na concepção de ‘insistência’ da cadeia significante é possível enunciar-se mais uma vez a autonomia da cadeia significante, quando caberá apenas à linguagem circunscrever os seres por ela designados e isso de uma maneira autônoma.

A diferenciação simbólica como pautada na assunção da castração

A disponibilidade à morte simbólica evidencia o cerne do segredo, a saber, a possibilidade ou impossibilidade de cada personagem fazer jus à configuração simbólica que lhe foi legada. Essa disponibilidade prende as personagens da trama em uma lógica à parte, em que os seres são instados a se elaborarem em função da possibilidade da verdade, velada, vir à tona. A cada um cabe elaborar o seu ser em função *não* de seu poder ser mais próprio, mas em conformidade à possibilidade de morte simbólica. Sob essa perspectiva, salvo a figura do detetive Dupin, será por conta de ser, a cada vez, reinaugurada uma diferenciação

4. Lacan acentua a homonímia entre as palavras *carta* e *letra* – ambas respondem por *lettre*, em francês. Não é sem interesse pontuar que também a combinação *l'être*, o ‘ser’, responde por uma homofonia com o termo em baila e, neste caso, a essa coincidência se reúne a perspectiva de que assim como a carta se oculta na trama, o ser se oculta nas peripécias do ministro.

na ordenação simbólica, e isso a partir da possibilidade de que o segredo venha à tona, que os seres da narrativa são levados a se elaborar. Ao mesmo tempo, a não revelação do segredo faz com que a mesma cadeia significante insista. Note-se: caso não houvesse o segredo não haveria a insistência da cadeia significante: a rainha não poderia ser desonrada e o ministro não seria investigado. É na medida em que a mesma cadeia significante insiste que a verdade pode ser extraída, “a saber, que é a ordem simbólica que é, para o sujeito, constituinte, demonstrando-lhes em uma estória a determinação maior que o sujeito recebe do percurso de um significante” (Ibidem, p. 18).

A leitura que Lacan realiza de “A carta roubada” de Poe ilustra, nessa medida, a seguinte situação: para evitar a assunção da organização simbólica que cabe ao cargo ministerial, o ministro se apossa de uma carta que compromete a reputação da Rainha. Ao invés de se confrontar com a castração implícita à sua função, o ministro transfere para a Rainha a necessidade de se submeter à castração simbólica que lhe cabe: a rainha passaria a ser submetida à castração imposta pela chantagem do ministro. Se com esse pequeno ato suicida o ministro acredita se livrar da castração. Na verdade, ele apenas transfere sua angústia para um ser ‘imaginário’, isto é, que ele pode ver, e através do qual ele pode ter uma ilusão de controle, acreditando ao mesmo tempo poder assumir o seu ser como uma entidade acima da lei. O objeto *a*, nesse âmbito, tem lugar em conformidade à insistência significativa: o ministro passa a constituir-se simbolicamente, mas essa constituição, por não se fundar na plena assunção simbólica da função que lhe cabe, que demanda subserviência às figuras do Rei e da Rainha, implica a renúncia inconsciente dessa mesma função em favor de uma situação simbólica que privilegia o âmbito do imaginário e no qual é a Rainha quem deve passar a se submeter ao ministro. O ministro, a um só tempo, ao deslizar de assumir ‘verdadeiramente’ a função de ministro, leva à morte simbólica do que representa. Nestes termos, são excluídos pelo ministro os significantes que implicariam a assunção de sua função. Ao ter a morte do Outro por base, essa configuração simbólica comporta, na verdade, um desejo de se livrar da necessidade de ‘simbolização’ do próprio ser em conformidade à castração. Essa situação implica em repetição como insistência significativa porque se aniquila a única via por meio da qual se poderia realizar a verdade enquanto diferenciação simbólica. Tendo por base o plano do imaginário, essa insistência implica permanecermos reféns de determinada configuração simbólica que não pode se relativizada senão sob o risco da morte simbólica. É necessário assumir-se a castração que permite a diferenciação simbólica, capaz de alçar o ser à superação da inércia em uma dada cadeia significante.

Assim como no conto de Poe, trata-se de descobrir a verdade no como essa se esconde, no modo como o ministro afasta o encontro pleno com a função que lhe cabe, mas também no modo como cada ser lida com a possibilidade de morte simbólica, sua e do Outro. Em análise, tratar-se-ia de conjugar os significantes trazidos na fala junto à possibilidade de assunção desses significantes na descoberta da verdade singular e isso em consonância ao Outro. A carta roubada aparece, então, como objeto fálico por conta de figurar a possibilidade de morte simbólica, seja da rainha, seja do ministro, ou mesmo do rei que sequer sabia da existência da carta. Frente à possibilidade de descoberta da carta, cada personagem é forçada a revelar o seu lado ‘mais verdadeiro’, ou sombrio: no ministro, esse lado se revela na personificação do ladrão; na rainha, no próprio fato da existência da carta, que a coloca sob a alcunha da desonra, e no rei, no casamento com uma rainha que lhe esconde segredos, talvez de alcova. Todos dão a ver modalidades de objeto *a* que situam ‘a’ dentro do campo do Outro, mas via a morte desse Outro. A maioria das personagens da trama não deseja a castração uma vez que esta sinaliza uma subserviência simbólica à figura do Outro. É mais fácil se manter nos limites da inércia, nos limites de um centramento em que a diferenciação simbólica não tenha oportunidade, do que superar esses limites.

Essa superação é difícil porque não há para onde escapar: ou se está preso em uma configuração imaginária, como no caso do ministro, e aí se tende à agressividade, *tout court*, como, por exemplo, sob a forma da chantagem maligna do ministro, que dá solução à sua angústia ‘sinal’, transferindo a sua castração à Rainha; ou se é alçado ao registro simbólico, quando críticas quanto a esse desdobramento simbólico tendem a ser tomadas como uma crítica ao ‘eu’: reflexo de uma ferida narcísica. De outro modo, a conquista de um âmbito em que possamos tomar as críticas como possibilidade de desvelamento do ser exige um contínuo exercício de simbolização que possa se realizar de modo ‘não resistente’.

No que se refere ao conto, Lacan é taxativo: não se é possível voltar atrás, conforme diz o ditado popular, ‘o que está feito, está feito’. Ao ministro só caberá “comer” o próprio “Dasein”, em uma referência à afirmação de que, por essa personagem não ter assumido a castração simbólica na hora devida, caberá ser desmascarado e subordinar-se à verdade final, graças à argúcia do detetive Dupin, que coloca no lugar da carta roubada uma outra, com dizeres enigmáticos. “Um desígnio tão funesto / Se não for digno de Atreu é digno de Tiestes” (LACAN, 1987, p. 257). Tais dizeres compreendem que a carta deixada por Dupin no lugar da antiga carta roubada, por não comprometer a Rainha, alça a mesma à sua verdadeira função: no momento em que o ministro for chantageá-la, ela poderá retorquir com

a verdade ‘mais verdadeira’ “– Coma o teu Dasein!”.

A cadeia simbólica e a máquina cibernética

A partir da leitura sobre o conto de Poe Lacan ilustra ainda o modo como os sujeitos vêm a ser constituídos em uma cadeia simbólica. A aporia de serem os sujeitos constituídos por uma cadeia simbólica que prescindem da existência desses sujeitos permanece uma questão em aberto⁵. Em todo caso, é a retroalimentação da própria cadeia simbólica que permite ao psicanalista propor a máquina cibernética como uma superestrutura que mantém as possibilidades de destinação dos sujeitos a ela subordinados ou ainda nela inscritos. São as disposições simbólicas dos elementos em jogo que permitem o advento de uma memória que, ao irromper na cadeia significante, determina a um só tempo passado e porvir. Nesse ponto é possível abordarmos o verdadeiro papel da morte imaginária: a partir da incidência dessa morte torna-se possível uma abertura das disposições simbólicas antes instaladas de modo que sejam providenciadas outras disposições, que possam ser orientadas pelo porvir de uma palavra verdadeira.

Trata-se, na experiência analítica, de colocar em causa a repetição, mesmo no âmbito da palavra vazia, como podendo transcorrer-se em proveito de um ser que guarda semelhanças para com o ser-para-a-morte, posto que também se retire do ‘falatório’, de outro modo, ‘realiza a solidão’ em proveito do reconhecimento da finitude inerente ao ser que somos. A temporalidade do tempo lógico é fundamental na experiência de assumir o inconsciente. Essa temporalidade é marcada pelo advento de compreensões que se repetem, mas, segundo breve apontamento de Lacan, são passíveis de serem elididas em proveito dos “momentos de concluir”:

Com uma audácia que atinge a desenvoltura, ele (Freud) declara considerar como legítimo elidir na análise dos processos os intervalos de tempo onde o evento permanece latente no sujeito. Isto é, que ele anula os tempos para compreender em

⁵ Sobre a questão de haver cadeias simbólicas que prescindem mesmo da existência de sujeitos é interessante ilustrar com a experiência de certas patologias, ou mesmo acontecimentos, em que, pelo significante, um ‘órgão’ se emancipa, saindo do controle do ‘eu’ ou ainda seguindo os ditames da insistência da cadeia significante (Sem. XI, capítulo 16). Esses casos também ilustram a questão de como, para Lacan, há uma separação entre ser e sentido, ou entre ser e linguagem, sobre a qual comentamos na segunda parte do ‘Prelúdio’: há uma autonomia da linguagem frente ao ser; supõe-se que o ser advém como separado de sentido; sendo o sentido que se superpõe ao ser.

proveito dos momentos de concluir que precipitam a meditação do sujeito em direção ao sentido a decidir do evento original. (LACAN, 1992, p. 121).

Anular “os tempos para compreender” significa dar menos tempo para as compreensões, marcadas pela sincronicidade, e mais atenção aos momentos de concluir junto aos quais podemos ser levados a “decidir quanto ao evento original”, aquilo que teima em não se fazer reconhecido, pelo reconhecimento do mesmo, o que é capaz de levar, por sua vez, à assunção plena do que é singular no ser em análise. Pontuar, na fala do analisando, apenas aquilo que for capaz de alçá-lo à fala plena, verdadeira, é o que visa o trabalho de análise tal como nos foi possível depreender.

Conclusão

Podemos dizer, por fim, que a noção de insistência da cadeia significante à semelhança da verdade enquanto *aletheia* também figura o acontecimento de um roubo. À diferença da concepção de roubo “do véu que vela os entes”, proposta por Heidegger, o roubo no âmbito da insistência da cadeia significante insiste nas metáforas do significante simbólico primordial, a saber, a morte. Assim como o ministro do conto, ao roubar a carta, dá nascimento a uma cadeia significante ‘estranha’, na qual as outras personagens permanecem reféns do modo como essa cadeia terá seu desenlace, em uma análise são trazidas cadeias significantes ‘estranhas’ perante as quais o analisando permanece refém. Essa cadeia pode ser desfeita com uma investigação, assim como a levada a cabo pelo detetive Dupin no conto de Poe. O papel desse detetive se assemelha ao do analista: desamarra as cadeias significantes nas quais o analisando esteja se prendendo. Nessa desamarração tem lugar a descoberta da verdade, que acontece a partir das pontuações, os momentos de concluir, capazes de circunscrever o campo do Outro como um tesouro de significantes.

Buscou-se dar voz à leitura que Lacan realiza no *Seminário sobre a Carta Roubada* evidenciando como se colocam neste Seminário as questões da castração, do anúncio da morte simbólica e da articulação da ordem simbólica. Lacan deixa claro o seguinte: assim como ilustrado pela personagem do ministro, a fuga do que causa angústia apenas posterga a necessidade de lidarmos com o ‘real’. Isto é, quando fugimos, ainda que momentaneamente, apenas postergamos o que irá irromper mais tarde como uma variação sintomática: a única

forma de vislumbrarmos uma cura possível para a ek-sistência é deixando a angústia ser, e lidar com aquilo que surgir; ou seja, com os modos da situação analítica se manifestar.

Nesse sentido, a concepção psicanalítica se detém justo no que ‘não queremos saber’, sendo que, *a priori*, não queremos saber justamente do que causa uma experiência de castração. Uma ‘dilaceração originária’ surge nesses momentos, em que nos deparamos com o Simbólico e a morte simbólica se apresenta como irremediável. Aí, então, a morte imaginária se apresenta como uma alternativa, uma maneira de lidar com a angústia que, de outro modo, pode se apossar de todo o nosso ser. Trata-se, pois, na experiência analítica, de podermos nos confrontar com a maneira como, inconscientemente, evitamos a castração. Ao mesmo tempo, a experiência em questão dá a ver como, através da morte imaginária, podemos auscultar o desejo que, de outro modo, sempre se fará atuante.

Sob essa ótica, a ‘insistência da cadeia significante’ pode ser um álibi poderoso no processo de descoberta do sujeito: embora a tendência ao evitamento da castração se faça notar nos momentos em que a castração incide, segundo Lacan, tudo aquilo que se evita termina por retornar, seja sob a forma de atos falhos, chistes, sonhos, enfim, tudo aquilo que a psicanálise nomeia como ‘formações do inconsciente’ seja sob o modo do evitamento de um encontro pleno com o Simbólico. Ademais, há um aspecto curioso na questão da evitação da castração: se em um momento se evita castração, em outro, se insiste na manutenção da mesma posição na cadeia significante responsável por causar essa experiência de castração. Essa experiência será perfeita como outra modalidade de castração: sob o privilégio do plano imaginário, deseja-se a morte do Outro. Isto é, o inconsciente com frequência opera do seguinte modo: ao mesmo tempo em que se evita a castração simbólica, por exemplo, sob o modo de um evitamento das obrigações (a princípio, inerentes a uma determinada função simbólica) se insiste na manutenção da mesma posição do ‘eu’ perante o sistema significante. Nessa perspectiva, a ausculta analítica deve poder chamar atenção ao que insiste em manter o eu em uma cadeia significante que não obstante surge sob o modo de evitação.

Referências

HEIDEGGER, M. (1927/1986) *Ser e tempo*. Parte I e II. Trad. Márcia Cavalcante. Petrópolis (RJ): Vozes.

LACAN, J. (1954-1955/1978) *Le Séminaire. Livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil,.

_____. (1954-1955/ 1987) *O Seminário. Livro II. O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Trad. Marie-Christine Laznik Penot. 2ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1963-1964/ 1988) *O Seminário. Livro II, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Trad. M.D. Magno. 2ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1966/ 1992) *Escritos*. Trad. Inês Oseki-Depré, 3ª ed., São Paulo: Perspectiva.